

3354

VERSOS  
 QUE, NO FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO  
 DE  
 S. A. R.  
 O PRINCIPE REGENTE  
 DESTES REINOS,  
 ADDITOU  
 NA PRAÇA DO ROCIO DE LISBOA  
 JOSE' PEDRO DA SILVA,  
 A' SUA ILLUMINAÇÃO,

*Que adornou pela maneira seguinte:*



LISBOA:  
 NA IMPRESSÃO RÈGIA.

ANNO DE 1814.

*Com Licença.*

1  
P3

No centro da Illuminação , em hum Quadro adornado  
de bellas allegorias , via-se em busto a Augusta Effi-  
gie de S. A. R. , e na fita do mesmo Quadro  
este Verso :

---

*A Gloria , a Paz , o Amor Te estão chamando.*

---

*Do lado direito estes :*

A Patria Tua, ó PRINCIPE, em Teu Dia  
De seu passado brilho ao auge chega ;  
Por Ceos, negros de guerra, e tyrannia,  
As azas co'a Ventura a Paz desprega.

---

*Est'outros do esquerdo :*

Teu Povo Te vingou: vingado o Mundo  
Olha em Teu Sceptro o escolho dos Tyrannos,  
E a leda esp'rança de hum por-vir jucundo  
Lhe apaga a sombra dos soffridos danos.

*N. A. P. P. M.*

## O D E.

*Or s'anima d'onor prende diletto  
Mio Canto ascolti, e se lo chiuda in petto.*

Chiab. Ode 34. Stroph. 6.

## S T R O P H E I.

**Q**UANDO a trombeta horrisona da Guerra  
Com clangor pavoroso  
Retumbando na Europa, esturje ao longe  
America remota,  
Quem forças me dará com que desperte  
Da Pindarica Lyra os sons cadentes?

## A N T I S T R O P H E I.

Ledos caramanchões de alta verdura,  
Regato entre alvas flores,  
Cascata em per'las liquidas desfeita,  
Hum Prado, hum Bosque, hum Monte;  
Paz, Incuria, Abundancia, ás Musas quadra,  
Que ao raio tremem, que ao trovão desmaião!

## E P O D O I.

Mas entre o rouco brado  
Dos vulcanicos trovões, que abatem muros;  
Sobre os campos, que juncão  
Cadaveres sanguentos;  
Entre os ais dos vencidos, que perecem;  
Entre o brinde feroz dos que triunfão;  
Cytharas desafinão, morre o canto!

## S T R O P H E II.

Taes, se a dextra de Augusto as portas fecha  
Do simbolico Jano,  
Fulgem Horacios, e florescem Maros:  
Mas, se do Norte os Filhos  
Enxorrão sobre o Lacio, acabão Vates,  
E grasnãõ só de espaço Elmiros, Bavios!

\* 2



## A N T I S T R O P H E II.

Porém Amor da Patria, e da Virtude  
 Que no meu peito alvergo,  
 Querem, que espalhe com Thebanos modos  
 Pelo vasto Universo  
 O Nome de João, que os Ceos recrêa,  
 Enche de gloria os Bons, e os Máos de susto!

## E P O D O II.

João . . . ao grato Nome  
 Exulta a Natureza, e o Sol se aviva!  
 Eisinho o flóreo Maio  
 Odoresos perfumes  
 Pródigo espalha em torno! em seus Pomares  
 Mais bella, mais gentil reluz Pomona!  
 Innocencia sorri! Pesar se alegra!

## S T R O P H E III.

De Antoninos, de Titos, de Trajanos  
 Blazone a antiga Roma;  
 Austria exalte Joseph, Luiz a Gallia;  
 Toscana o seu Leopoldo;  
 Elysia mais feliz virtudes delles  
 No preclaro João desfructa unidas!

## A N T I S T R O P H E III.

Como seu Astro em lucido Oriente  
 Rutila magestoso  
 Do Mundo antigo ao novo! . . . qual descende  
 Do Sol potente influxo,  
 Que no seio da terra os metaes gera,  
 Dos dois Orbes os bens derivão Delle.

## E P O D O III.

Por Elle o Brazil despe  
 Seu plumoso, selvatico atavio;  
 E as Europeas Artes  
 Consente que lhe adornem  
 De seda, e oiro os denegridos membros;  
 Que sublime cothurno ao pé lhe ageitem;  
 Troca ao nectar do Douro Humano sangue!

## S T R O P H E IV.

Cruento Despotismo altea a fronte  
 Na revoltosa Gallia,  
 Estende a ferrea dextra, algema os Povos;  
 E das curvas cabeças  
 Dos Reis que derrubára os degrãos fórma,  
 Para ao throno subir, que altivo usurpa.

## A N T I S T R O P H E IV.

Impia Guerra marchando ao seu aceno  
 De Eumenides cercada  
 Morticinios, estragos, roubos solta:  
 Aqui a Mãi afflicta  
 Abraça moribunda o Filho exangue,  
 Lá sobre o Esposo extincto a Esposa ultrajão!

## E P O D O IV.

Nas equoreas campinas  
 Baixeis contra Baixeis abalroando  
 Em raios se desfazem!  
 Sulfurea labareda  
 Cresta as azas do vento, attonta as vagas,  
 E ao medonho estampido espavoridas  
 No fundo pego escondem-se as Nereidas!

## S T R O P H E V.

Farto Leão entre arvores repousa,  
 E com desprezo observa  
 Na planice brigando os igneos Touros:  
 Mas se hum delles o investe,  
 Ruge implacavel, salta, afferra, empolga,  
 Despedaça, affugenta, aquelle, e a todos.

## A N T I S T R O P H E V.

Tal se ao Téjo as falanges do Tyranno,  
 Em guerra se aproximão,  
 Surgem Lusos, e João no peito, em labios,  
 A's Armas se arremessão!  
 Cerrão, combatem, vencem, pizão Aguias,  
 E do Rei defendido aos pés as prostrão!



## E P O D O V.

Ao generoso exemplo  
 D'Ibero, e Lusitano, á semelhança  
 Da electrica centelha  
 No Nórte se propaga  
 Da Liberdade a chamma, e desde Ukrania  
 A's margens do Elba, e do Danubio ás margens,  
 He brado universal „caia o Tyranno!

## S T R O P H E VI.

Que densos turbilhões de fogo e fumo  
 Os ares escurecem!  
 He Troia que arde? O O'rco, que se expande?  
 He o impávido Russo  
 Que ao fogo dá Moscow, e ao Gallo a rouba:  
 Tal Virginio, matando-a, a Filha salva!

## A N T I S T R O P H E VI.

Mas já por ermos desolados campos  
 A' toa fugitivo  
 Batido, inerme, e nú se evade o Gallo;  
 Ora a fome, ora o gelo,  
 Ora, mais destructor, que o gelo e a fome,  
 O prostra, o mata o barbaro Cossaco.

## E P O D O VI.

Respira o Prusso ousado,  
 Austriaco, Sueco, e de passagem  
 Engrossando com hostes  
 Das Nações, que libertão  
 Vem com fulmineo impeto trazendo  
 Perante si dos Wandalos do Sena  
 A torpe multidão, e em França a fechão!

## S T R O P H E VII.

Com pasmo, e raiva, e dôr o Franco observa  
 Em seu proprio terreno  
 Os mesmos que ao relampago tremião  
 Da sua espada ha pouco! . . .  
 Desadora o seu Déspota, deixado  
 De Amigos, e de Affins, Parentes, Servos!

## A N T I S T R O P H E VII.

Porém pasma inda mais, mais desadora  
 Quando á sombra das Quinas  
 Refloresce em Bordeaux pizado Lirio!  
 Quando o Gascão remido  
 Delira de prazer, e em gratos hymnos  
 Com João, com Luiz atrôa os ares!

## E P O D O VII.

Em luminosa Nuvem  
 Do Martyr Rei o Espirito fulgente,  
 Dizem, que então foi visto  
 Todo em prazer celeste  
 Rutilando o semblante magestoso  
 Aos Filhos apontar, e á bella Esposa  
 Para a livre Cidade em Benções ledas!

## S T R O P H E VIII.

Gloria ao Pio João, gloria mil vezes  
 Que o Ceo nos concilia! . . .  
 Gloria aos vassallos de tal Rei credores!  
 Gloria á Consorte Augusta,  
 Que em Prole digna delle o faz tão rico!  
 Gloria ao Tronco que deo tão gentil Fructo!

## A N T I S T R O P H E VIII.

Muros de Badajoz, e de Rodrigo!  
 De Talavera oh campos!  
 Bussaco! Pyreneos! Adour, e Nive!  
 Após que sorva o Lethes  
 Centos de gerações, ao Mundo em pasmo  
 Memores contareis nossas proezas!

## E P O D O VIII.

Não mais, não mais ó Musa,  
 Que pélagos a sulcar nos resta immenso,  
 Se proseguir intentas  
 Do Principe sublime  
 Louvores immortaes! . . . as vélas colhe;  
 E, antes que a naufragar te leve o Noto,  
 No Porto, que já vês, entra, e dá fundo!

*Por J. M. da Costa e Silva,*

## O D E.

## S T R O P H E I.

Pois que hum Alumno vosso em mim creastes,  
 Divas habitadoras  
 Do bi-partido Monte;

Pois vosso me influis divino alento,  
 E, mal começo a dedilhar na Lyra,  
 A mente me inflammais, me ergueis o canto;  
 Hoje de novo peço

Que hum vosso novo facho rutilante  
 Abra Olympios clarões na idéa minha;  
 E, á Thebana feição tecendo as flores  
 Que no Hélicon verdejão,

A hum pacífico Heróe esmalte a C'roa,  
 A N T I S T R O P H E I.

Possão meus Hymnos, invadindo a estancia  
 Do enrugado Saturno,  
 Serenar-lhe o semblante,

Forçallo a abandonar relógio, e fouce;

A, attrahindo c'os sons harmoniosos

Lustrosa turba de foigões prazeres,

Dar novo brilho aos Orbes,

Dar hum novo esplendor á Natureza,

E desdobrar tão bello este almo Dia

Em que João gozou da luz primeira,

Que ao seu fulgor nativo

Pareça aos Homens devolver-se o Mundo.

## E P O D O I.

Aureos Hymnos Dirceos, festiva prole

D'inspirados espiritos sublimes

São justo, são brilhante, e digno premio

De não vulgar virtude;

Recordação eterna aos Homens deixa

Aquelle cuja fronte

De louros foi Castalios adornada.

## S T R O P H E II:

Olimpicas fadigas perigosas

Tu, ó Cysne do Ismeno,

A cujo canto egregio  
Igual aos evos duração foi dada,  
Assim fizeste em seculos vindouros  
Longi-troar nos cem clarins da Fama;

Do ingrato seio escuro  
Do lethargico Rio pavoroso  
Foi assim que arrancaste os Nomes grandes  
Dos Heróes que inda hoje a Grecia chora,  
Derão espanto ao Mundo,  
E gloria á sabia Natureza derão.

A N T I S T R O P H E II.

Teus vôos seguirei: Comtigo aos Astros,  
Se tanto me for dado,  
Remontarei de hum vôo;  
Qual Tu aos teus Heróes, darei eu fama  
Ao Lusitano Principe ditoso;  
Palmas hirei colher da Gloria ás varzeas  
Que immarcesciveis durem  
Em porfia co'a longa Eternidade;  
E com ellas, máo-grado á Inveja, ao Tempo,  
Lhe adornarei a frente magestosa:

Nem só guerreiro esforço  
He digno de louvor, de Versos digno.

E P O D O II.

Cem bárbaras, indómitas Phalanges  
Daqui, dalli vencidas se prostrarão  
Do braço de Alexandre procelloso  
A' insolita fortuna;  
De sua invicta espada aos fataes gumes  
Assombrado o Oriente

Louros mil de victoria vio cortados.

S T R O P H E III.

Da Memoria nos bro zes estampado  
Seu vulto inda scintilla;  
Marte, o Heroismo, a Gloria  
Os mil triunfos seus apontão ledos:  
Posto que entre ruinas submergido  
Ao bruto Despotismo succumbisse  
O Macedonio Imperio,  
Lá inda Echo repete os seus louvores! . . .  
Mas nova se propõe á minha Lyra  
Em sons vibrados realçar virtude;  
João meus sons demanda  
Maniatada a Lisonja em grilhões duros.



## A N T I S T R O P H E III.

Aónios turbilhões me fervem n'Aima ;  
 Dei-fúlgidas rutilão  
 Amplas idéas minhas ;  
 Sobre as azas de Clio equilibrado  
 Corto soberbo o espaço do Futuro . . .  
 Oh ! de faustos prodígios que opulenta ,  
 Nova urdidura vejo !  
 Marcada pela mão de amigos Fados  
 Cem torrentes derrama de ventura  
 Cada huma das placidas Auroras ,  
 Que , além do usual brilhando ,  
 Teu Dia , Alto JOAO , risonho accrdão.

## E P O D O III.

Nas tórvas fragoas do feróz Gradivo  
 Ardia acceza a flagellada Europa ;  
 Com sanguineo furor da guerra o Monstro  
 Na Corsega se erguera ,  
 E , crendo toda ferro a Natureza ,  
 Ao ferro desde a infancia  
 As gerações inteiras entregava.

## S T R O P H E IV.

Em ferro , em fogo , em lagrimas , em sangue  
 A Europa se inundava ;  
 Ditosa com Teu Mando ,  
 Lysia no emtanto prospera , opulenta  
 As Artes , as Sciencias affagava :  
 Mas já por Teus Dominios venturosos  
 Prende a rabida flamma  
 Do Despotismo atróz ; he fado a guerra ,  
 He sonho a paz , e a escravidão negreja :  
 Para encurtar o mal , o Padre Oceano  
 Te accena , que precauto  
 Te entregues a seu seio aventureoso.

## A N T I S T R O P H E IV.

O pranto reprimindo , a Patria deixas ,  
 Sacrificado á Patria :  
 Em teu brioso Povo  
 Liberdade , e vingança espertão furias  
 D'indómito valor ; sibila irada  
 A Lusitana Serpe vencedora ;  
 Audaz erriça a júba  
 O impavido Leão da altiva Iberia ;  
 Unido aos dous , o Leopardo brama ,

E ao terror de seus golpes triunfantes  
 Usurpadoras Aguias  
 Começão de largar o que empolgárão.

## E P O D O IV.

Porém já no Boristhenes fuzilão  
 Os medonhos trovões do Despotismo ;  
 E, c'o Hesperico exemplo affervorados  
 Os duros Filhos do Hetnnan, (\*)  
 Fórção a arripiar caminho em fuga  
 O presumido incauto  
 Factor de leis , que toda a lei quebrava.

## S T R O P H E V.

Angl' Iberos , e Lusos vencedores  
 Em Bourdeaux , em Toulouse  
 Os Lirios desabrochão ;  
 Moscovitas , Suecos , e Germanos ,  
 Torrente impetuosa o ferreo throno  
 Do Despotismo abate , e em toda a França  
 Luiz he proclamado :

Ao seio de seu Povo , que o suspira ,  
 Volve o chorado , prospero Fernando :  
 Desaffrontada a Europa aguarda os dias  
 Que vem para ostentalla ,

Qual n'outr'era já foi , a flor do Mundo.

## A N T I S T R O P H E V.

De Norte a Sul , e de Levante a Oeste ,  
 Singellas alargando

A Paz as niveas roupas ,  
 Do tranquillo regaço já se appresta  
 A despargir , mais farta que Amalthea ,  
 Os almos fructos do lavor das Artes ;

E a distender , qual Phebo  
 Em seu Zenith , os proveitosos raios  
 Da ensombrada Sapiencia , que resurge ,  
 E a cujo augusto amparo recolhido

Goza em reponso o Mundo  
 Melhorados os dons da Natureza.

## E P O D O V.

Clara Estrella polar , Tua Prudencia ,  
 O' PRINCIPE benigno , tem guiado  
 Na noute da Politica os Monarcas :

---

(\*) Os Cossacos.



Teu Povo aos outros Povos  
 O exemplo do valor, e da constancia,  
 E o Teu Governo aos outros  
 O ensino foi de derrubar Tyrannos.

## S T R O P H E VI.

De flor em flor vagando se recrea  
 A leve Borboleta;  
 Minh' ardua Phantasia,  
 De prodigio em prodigios discorrendo,  
 Esplendida revôa após os muitos  
 Des'que aos ardís do perfido Tyranno  
 Esquivaste o Teu Sceptro:  
 De Teu sublime arrojô estremecida  
 Accorda a Europa, e olha, e vê, e admira  
 O primeiro barranco das ruinas  
 Em que óra despenhado  
 Geme debalde o Despota opprimido.

## A N T I S T R O P H E VI.

Surgi, Nações: da Gloria os horizontes  
 Não mais serão toldados  
 De Córscas procellas . . .  
 Mas ai! que em tanto júbilo esmorece  
 A Patria Tua, ó PRINCIPE, arquejando  
 Crébros suspiros de saudosa ausencia!  
 Oh! volve, tão bem vindo  
 Como o estivo calor, depois do agudo  
 Frio Nordeste d'hybernaes rajadas;  
 Ou, depois do fervor do Sirio ardente,  
 Para o jardim mimoso  
 O orvalho salutar da madrugada.

## E P O D O VI.

Verás aos louros triunfaes que a cingem  
 Unir Lysia, em gozar-Te mais ditosa,  
 Os myrthos do prazer; seus dons requerem,  
 Para medrar, Teus olhos:  
 Verás . . . mas Clio me arrebatá o plectro,  
 Seus divinos concertos  
 Só quer que os fira na Presença Tua.

N. A. P. P. M.

## CANÇÃO REAL.

TU, PRINCIPE DOS PRINCIPES, Tu, MIMO,  
 Esmalte, e Flor de pródidos Regentes,  
 Tu, Sublime João! hoje que torna,  
 Trazido pelas mãos da Primavera,  
 De teu nobre Natal o fausto Dia,  
 Onde, em q' Eden irei colher a augusta  
     Grinalda idonea, e bella,  
 Não maculada por meus dedos rudes,  
     De q' eu forme a capella,  
 Condigna, e propria a tuas mil Virtudes?

Fertil, qual he, o redolente Maio,  
 Que t' honrou com a Luz, e á Luz contigo,  
 Não cria, não produz viçosa Rama,  
 Que te possa bastar, bem q' eu revolva  
 O Mundo Velho, ou Novo, hum Clima, ou Outro,  
 Nem ao menos a vasta Redondeza  
     Protótypos offrece,  
 Em cuja excelsa gloria, ou fama sua,  
     Qual laurel d'outra espece,  
 Símile eu ache á fama, e gloria tua?

Quem ha, ou houve ahi, em prisco Tempo,  
 Ou Epoca moderna, qe o seu nome  
 A gráo tão elevado remontasse,  
 Que acima vê de si Astros sómente?  
 Não pelo Sceptro, e Diadema, e Solio,  
 Filhos ora do acaso, ora da fraude,  
     Nem por falso Heroismo,  
 Que hum Povo assassinou, e fez retalhos;  
     Sim pelo brilhantismo  
 De teus egregios, fulgidos trabalhos?

Depois que em vão a Purpura, e a Victoria,  
 Degenerando em barbara rapina,  
 Partilha forão de rasteiros Corsos,  
 Crús, famulentos, da Memoria ao Templo  
 A porta s'estreitou, e a sua entrada,

Que seus nomes transmita além das Eras,  
 Foi tão só permittida  
 A' Solida Virtude, e aos Peitos bravos,  
 Q' a virão perseguida,  
 Aos Joãos, aos Fernandos, aos Gustavos!

Por aridos caminhos, escabrozos,  
 Lubricos, (não de seda, não de sangue)  
 Desde então, além disso, e foi a estrada,  
 Digna estrada real, ao digno Alcáçar:  
 Mas não só desde então; de tempo antigo  
 A fadiga, o suor, o prigo, o susto,  
 E o público Attestado  
 Da sã Justiça, a Via foi, e o Norte  
 Para o Templo sagrado;  
 Não veredas, ou falso Passaporte.

Affanozos, agrestes os teus dias  
 Se tem mostrado, oh PRINCIPE Excelente;  
 Porém muito mais floreo, e mais rizonho  
 Será por isso mesmo o teu triumpho:  
 Se lhe não precedesse o torvo Inverno,  
 Tão grata não brotára a Primavera;  
 Por que seu roupão feio  
 Enróla a pavorosa Noite fria,  
 Desdobra em mais recreio  
 Seu manto refulgente o almo Dia.

Não, não te pêze, ó PRINCIPE: a teu Brio,  
 Valor teu mais comprovão teus revézes:  
 Não fere ao vime o raio coruscante,  
 Dos bosques ao Atleta, ao roble altivo,  
 Quanto mais retalhadô, mais vaidoso,  
 Seus golpes só dirige; contra humilde,  
 Manso escólho entreter-se  
 Neptuno irado tendo por injuria,  
 Folga d'ir combater-se  
 Contra o rochedo, que lh' empata a furia.

Revézes sim; mas quanto mór desdita  
 Aguarda aos que sacrilegos t'insultão!  
 Tal de Phebo, ou de Phebe duro eclipse  
 Traz aos Campos, que o movem, crise grave;  
 Assim quando da cauda incendiosa

Do Cometa agravado no Orbe em susto  
 As Centelhas fulminão,  
 Ameaçados da peste, ou fome, ou guerra,  
 Seu remorso examinão  
 Facinorosos Despotas da Terra!

Abandonado hum Throno vacilante,  
 (Hum Throno invicto, que Evos dezeseite  
 Abalar não puderão,) eis t'engolfas  
 Com a innocua Familia em curto lenho,  
 Mais não vendo que Ceos, que Terra ingrata,  
 Refalsado, ou illuzo Continente;  
 Victimias sem destino  
 De raivozozos tufões, de mar cavado,  
 Turbulento, e ferino,  
 Tão surdo como o Brenno, e como o Fado?

Debruçados nos Tectos luminosos  
 Com inveja huns do Feito, outros com magua,  
 Notando estão a subita Viagem  
 Do Sacro Olympto os Numes sacrosantos;  
 Olha a hum tempo a catastrophe, Obra sua,  
 Mudo, e tranquillo Jove recostado  
 Sobre o fatal Volume,  
 Ou Codigo das Leis, que em bronze escreve,  
 E que já por costume,  
 Ou derrogar não póde, ou não s'atreve!

Não importa, oh João! no Livro immenso  
 Em letras d'ouro escripta, e registada  
 Era tambem a solida Promessa,  
 Que hum Deos t'affiançou no Santo Ourique,  
 Com a Terra, e c'os Ceos por Testemunhas:  
 Deixa, dá, que o rancor dos Elementos  
 Inculque fnevitaveis  
 Os damnos, que teu Animo repelle;  
 Das Leis imprescrutaveis,  
 Que lavra hum Deos, o Interprete he só Elle:

Eis triunfante és já, eis já punida,  
 E do teu feio Exilio extincta a Causa;  
 Graças ao teu denodo, e ao do Anglo Amigo,  
 Que a Lysia vão quebrar, e ao Mundo os ferros!  
 Graças ao teu Brazil, que em ti recebe,



Qual premio seu , aos pr6vidos Indultos  
 O Braço sempre prompto ,  
 A justiça , a ternura , o doce Aspeito ,  
 E as Virtudes sem conto ,  
 De que tens cravejada a alma , e o peito !

Teu Serviço , e teu Merito infinito  
 Com que pagar não tendo Europa inane ,  
 Pelo Corso assolada , era preciso  
 Que te remunerasse hum Mundo Novo !  
 Rico Mundo maior , que em teu obsequio  
 Rasgando-se as entranhas , não cobiça  
 D'Azia ou rubins , ou ouro ,  
 Nem mesmo d'Africa o devoto Incenso ,  
 Fragantissimo , e louro ,  
 Que reparta entre Ti , e Jove Immenso.

Mas , PRINCIPE sem Pár , de mais riqueza ,  
 E de S6es Dois America s'escuza :  
 A Lysia , que sem ti se julga exhausta ,  
 E sem ti ás escuras volve , oh volve !  
 Traze a celestial Rainha eterna ,  
 A semidiva Esposa , e a Prole Augusta :  
 Mal que te conhecêrão ,  
 Seu fero orgulho , por que affeito as tragas  
 Para sempre abaterão  
 Os soltos escarc6os , as rijas vagas.

Sim torna , e em duplicada gloria tua ,  
 A fim de libertar-se o Patrio S6lo ,  
 Verás por que theor dos Teus , no braço  
 Albuquerque surgio , revive Nuno !  
 Ou melhor saberás , principalmente  
 Do teu fausto Natal no pulchro Dia ,  
 Porque segredo , ou arte  
 Vassallos a milhões , por vento , ou calma ,  
 Para irem vizitar-te  
 Tem hum só coração huma só alma.

Canção , quando alguém haja que s'admire  
 De que triste , e vizinha ao final somno ,  
 Assim remontes a Apollinêa falla ,  
 Dize-lhe que teu Dono  
 He como o puro almiscar  
 Que , quanto mais pizado , mais trescala.

*Por Santos e Silva.*

